

A HISTÓRIA E CULTURA DOS TUPINAMBÁS: RESGATANDO A IDENTIDADE DOS POVOS INDÍGENAS E DESENVOLVENDO A CIDADANIA EM UMA TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS/RS

FRANCES CARLOS DE OLIVEIRA¹; FRANCELE DE ABREU CARLAN²

¹Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Biologia. Graduando do Curso de Ciências Biológicas (Licenciatura). E-mail: francesjunior331@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas. Professora Doutora do Instituto de Biologia. E-mail: francelecarlan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A perspectiva de educação, desenvolvida por Paulo Freire, enfatiza a importância de uma educação crítica, inclusiva e transformadora que valoriza a cultura e a experiência dos educandos (CUNHA, 1992). Nesse contexto, a inclusão da temática indígena no currículo da educação básica é essencial por várias razões: o primeiro motivo, é que desde a chegada dos europeus em 1500, a história dos povos indígenas e a história do Brasil estão profundamente entrelaçadas. Não se pode compreender a história do Brasil sem reconhecer a presença e as contribuições dos povos indígenas ao longo dos séculos. Toda a dimensão da ocupação do espaço, a sobrevivência dos primeiros colonizadores ibéricos e a ocupação do território brasileiro estiveram intrinsecamente ligadas às interações com os povos indígenas (MELIÀ, 2011). A formação das ideias de nação brasileira envolveu contribuições e resistências dos povos indígenas (CUNHA, 1992), a decadência das capitanias hereditárias foi um processo permeado por conflitos e interações com os povos indígenas (PREZIA, 1992). Durante os governos militares, ocorreram violações significativas dos direitos dos povos indígenas (BRASIL, 2014) e esses aspectos são apenas alguns exemplos de como as historicidades indígenas estão presentes em diversos momentos e processos da história do Brasil.

Ademais, como segundo ponto, os povos indígenas, por meio de suas vivências sociopolíticas, influenciaram a Revolução Francesa e os ideais republicanos (FRANCO, 1976), desafiando constantemente instituições como a igreja e os fundamentos acadêmicos (CASTRO, 1992). Como terceiro motivo, destaca-se o comportamento do coletivo brasileiro, que, mesmo sem contato direto ou conhecimento aprofundado, formam opiniões sobre como esses povos deveriam se comportar para serem considerados "verdadeiros índios" (CUNHA, 1992).

Com relação aos povos Tupinambás, conhecidos por sua ampla distribuição histórica ao longo do litoral brasileiro, especialmente entre os atuais estados do Rio de Janeiro e Maranhão, têm uma rica herança cultural e modos de vida estreitamente conectados ao meio ambiente. Conforme descrito por (MUSSA, 2023), os Tupinambás praticavam a agricultura de coivara, cultivando mandioca, milho e outras plantas, além de pescar e caçar, o que demonstra uma profunda adaptação aos ecossistemas costeiros e fluviais. A relação com o meio ambiente não se limita ao uso de recursos, mas também abrange uma visão cosmológica que integra a natureza e os seres humanos de maneira harmoniosa. Atualmente, os remanescentes Tupinambás estão presentes principalmente em áreas do sul da Bahia e do Espírito Santo e lutam pela demarcação e reconhecimento de suas terras. A importância dos Tupinambás transcende a

preservação cultural, pois seu conhecimento tradicional e suas práticas sustentáveis são essenciais para a conservação ambiental e para o fortalecimento da identidade e diversidade cultural do Brasil (MUSSA, 2023).

Logo, este trabalho tem como objetivo apresentar a proposta de uma oficina pedagógica sobre os povos indígenas, com foco nos Tupinambás para promoção de conhecimento sobre a cultura e história dos povos indígenas, visando, a partir disso, desenvolver a construção de valores de cidadania, respeito à diversidade e valorização da identidade indígena entre os alunos.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada neste trabalho será de natureza qualitativa. As pesquisas qualitativas têm por finalidade analisar, entender e descrever os fenômenos sociais, exigindo do(a) pesquisador(a) habilidades para poder perceber e contextualizar o que é trabalhado dentro da pesquisa (FLICK 2009).

Essa proposta de trabalho, sobre os povos Tupinambás, foi motivada pelas raízes do pesquisador ser no Estado do Amazonas e sua influência sobre as concepções construídas desde a infância, sobretudo por ter descendência indígena. Além disso, por observar a pouca valorização da cultura indígena pelo povo brasileiro que, por desconhecimento, tem construído ideias contraditórias sobre estes povos.

Pensando nisso, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, está sendo desenvolvida uma proposta de oficina pedagógica sobre os povos indígenas, com foco nos Tupinambás, cuja previsão de defesa será no final do semestre de 2024/2. Esta oficina será desenvolvida em uma escola pública com alunos de uma turma do ensino fundamental no mês de outubro de 2024 e busca sensibilizar os estudantes sobre a história, cultura e resistência dos Tupinambás, promovendo uma compreensão crítica da diversidade indígena no Brasil e incentivando o respeito e a valorização das culturas originárias. Os objetivos da oficina incluem investigar as concepções dos alunos sobre os povos indígenas, explicando a importância dos povos originários na formação da identidade e cultura brasileira. Além disso, visa trabalhar os hábitos culturais dos indígenas e sua influência sobre alguns costumes dos brasileiros, apresentar o papel central da onça na cosmovisão dos Tupinambás e sua relevância para a fauna atual, conhecer os hábitos culturais e de preservação ambiental dos Tupinambás em comparação com os povos indígenas aldeados. Ainda, compreender se há conflitos entre os diferentes grupos Tupinambás e procurar desenvolver, junto aos alunos, o respeito pela cultura indígena como parte integrante da cultura brasileira.

Essa oficina está estruturada de acordo com a proposta didático-metodológica dos Três Momentos Pedagógicos de Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2017). Estes momentos são: i) Problematização inicial; ii) Organização do Conhecimento e iii) Aplicação do Conhecimento. O desenvolvimento da oficina está previsto para ocorrer em dois dias de aula consecutivos, tendo, cada período, 45 minutos.

No primeiro momento da oficina, será utilizado um questionário para investigação das concepções dos alunos sobre os povos indígenas. Já no segundo momento, baseada nas respostas dos alunos ao questionário inicial, será trabalhado o silenciamento da cultura indígena e a predominância da cultura europeia na formação do povo brasileiro, destacando sua relação com os povos

Tupinambás. Além disso, será abordada a cultura e história dos Tupinambás, que ainda é pouco conhecida pela população brasileira. A relação destes povos com o meio ambiente e com a onça, um animal simbólico que representa a força e a importância dos predadores no controle populacional de outras espécies, associando com os conceitos de Ecologia. No terceiro momento, para encerrar a oficina, serão utilizadas estratégias como vídeos, imagens e a participação de um indígena para sensibilizar os alunos sobre a importância de respeitarmos a cultura indígena e Tupinambá.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina está prevista para o desenvolvimento na segunda quinzena de outubro de 2024. Supõe-se que muitos alunos tenham uma visão estereotipada sobre a identidade indígena, ou seja, de que estes povos vivem todos nus e em aldeias sem contato com a sociedade. Apesar da Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) tornar obrigatória a inclusão da história e cultura indígenas nos currículos escolares brasileiros, reconhecendo e valorizando as contribuições dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira, pouco se trabalha o tema, efetivamente, em sala de aula.

Com relação à imagem dos indígenas, a mente coletiva dos brasileiros é calcada na construção histórica do imaginário que remonta às primeiras informações registradas, criando dicotomias como "gente" *versus* "animais" ou "humanos" *versus* "éden". A visão idílica de indígenas puros, contrastada com a realidade de indígenas ferozes (como a dicotomia Tupi *versus* Tapuias), foi a base para a construção ideológica da nação brasileira (CUNHA, 1992). Portanto, a visão que grande parte das pessoas ainda detém sobre os povos indígenas não corresponde com a realidade. Verdadeiramente, é que esses povos estão e são presença sempre marcante dentro do imaginário coletivo do povo brasileiro, seja como pessoas ou como parte de nossos "fantasmas", como destaca Cunha (1992).

Além disso, supõe-se que os alunos conheçam muito pouco sobre a cultura indígena, como seus hábitos alimentares e sua relação com a natureza. Por exemplo, apropriações culturais ou trocas (um tema bastante discutível) acontecem desde a origem da invasão ibérica na América, quando na ocasião o alimento produzido pelos indígenas ajudou a salvar a vida dos aventureiros famosos que aqui chegaram e que continuam chegando até os tempos de hoje (ECHEVERRÍA, 2006). O milho, a batata, o tomate, o cacau e muitos outros produtos agrícolas, domesticados e cultivados pelos povos indígenas das Américas, foram fundamentais para diversificar e enriquecer a alimentação em diversas partes do mundo (ECHEVERRÍA, 2006). Esses alimentos indígenas continuam a influenciar a gastronomia mundial, refletindo a importância duradoura das culturas e da agricultura dos povos indígenas na sociedade contemporânea.

Com relação aos povos Tupinambás, a cultura material seguia os princípios de uma ecologia cultural, na qual a exploração do ambiente buscava uma utilização que evitasse excessos econômicos (NOELLI, 1998). Os artefatos produzidos pelos Tupinambás eram parte integrante da organização de sua vida, hábitos e costumes, influenciados pela disponibilidade dos recursos naturais e pelo bem-estar dos indivíduos. Nesse contexto, existia uma relação de reciprocidade: os nativos expressavam gratidão pelas dádivas da natureza. Se recebiam peixe, por exemplo, cuidavam e respeitavam os rios que lhes proporcionaram esse recurso (NOELLI, 1998). Supõem-se que talvez os alunos

nunca tenham ouvido falar, embora o manto Tupinambá tenha voltado ao Brasil e tenha sido reportagem há pouco tempo nas mídias.

Com isso, esta oficina visa promover uma visão inclusiva acerca dos povos indígenas, oportunizando, aos alunos, conhecimento sobre a cultura e história dos povos indígenas, pretendendo, a partir disso, desenvolver a construção de valores de cidadania, respeito à diversidade e valorização da identidade indígena entre os alunos. Neste contexto, Manuela Carneiro da Cunha, em sua obra "História dos Índios no Brasil" (CUNHA, 1992), visa desconstruir visões naturalizadas e preconceituosas sobre os povos indígenas.

4. CONCLUSÕES

A proposta da oficina denominada Raízes Ancestrais: Saberes, História e Cultura Indígenas pretende desconstruir estereótipos e promover o respeito pela diversidade cultural dos indígenas, sobretudo dos povos Tupinambás, estimulando uma compreensão mais profunda da contribuição indígena para a formação da identidade brasileira. Por meio de uma abordagem histórica, ecológica e cultural, espera-se que os alunos reconheçam a importância destes povos na preservação ambiental, por exemplo, evitando uma postura preconceituosa do povo brasileiro que ainda carece de maior conhecimento sobre as especificidades culturais dos indígenas e seus modos particulares de viver a vida, por isso ainda pouco valorizam e respeitam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 que estabelece diretrizes para e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Senado Federal, 2008.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório/Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014.
- CASTRO, E. V. de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. Revista de Antropologia, v. 35, n. 21-74, 1992.
- CUNHA, M. C. da. (org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia da Letra e Secretaria. Municipal da cultura, Fapesp, 1992.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. e PERNAMBUCO, M. M. C. A. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2017.
- ECHEVERRÍA, O. S. Europa y su percepción del nuevo mundo a través de las especies comestibles y los espacios americanos en el siglo xvi. Scielo versión On-line. Historia (Santiago) v.39 n.2 Santiago dic. 2006.
- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- MELIÀ, B. Mundo Guarani. Asunción: BID; Ministerio de hacienda, 2011.
- FRANCO, A. A. M. de. O índio brasileiro e a Revolução Francesa: As origens brasileiras da teoria da bondade natural. 2ª ed. Rio de Janeiro; Brasília: J. Olympio; INL, 1976.
- MUSSA, A. Meu destino é ser onça. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2023
- PREZIA, B.; HOORNAERT, E. Esta terra tinha dono. São Paulo: FTD, 1992.
- NOELLI, F.; BROCHACO, J. O cauim e as beberragens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 8, nº 117-128, 1998.